

# A WEB COMO CULTURA: IDENTIDADE E EXPRESSÃO JUVENIL NAS REDES DIGITAIS

LÍVIA FRANÇA SALLES<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste ensaio, trazemos a web como fenômeno-chave para a análise de práticas sociais e sistemas simbólicos. De modo mais concreto, a investigação inicial articulou teoricamente o uso das redes digitais para a construção de identidade, em específico, juvenil. Para fundamentar este trabalho, adotamos as pesquisas sobre técnica e práticas sociais digitais do sociólogo Jesús Martín-Barbero. Trabalhou-se ainda a noção de web como um dos pilares da cultura, especialmente pelos autores Manuel Castells, Pierre Lévy, Francisco Rüdiger e Erick Felinto.

**Palavras-chave:** Web. Cultura. Práticas Sociais. Identidade. Expressão Juvenil.

## Introdução

Muito longe da sombria ficção de Aldous Huxley, escrita em 1932, de um admirável futuro tecnológico sem expressivas relações sociais, as técnicas de comunicação cada vez mais se destacam pela sua capacidade de compartilhamento de experiências e identidades. A rede internacional de computadores, a internet, tem sido uma relevante plataforma para o registro das experiências humanas e formação de subjetividades, especialmente por um público que faz da rede a sua identidade: os jovens.

Neste ensaio, colocamos a web como fenômeno-chave para a análise de práticas sociais e sistemas simbólicos. De modo mais concreto, a proposta de investigação inicial foi articular teoricamente o uso das redes digitais para a construção de identidade, em específico, de uma expressão juvenil. Ao aproximarmos o jovem da internet, não estamos afirmando que é uma relação intrínseca, mas um alinhamento entre um grupo social e tecnologia, reafirmando aqui o conceito de tecnologia como cultura.

Para fundamentar este trabalho, adotamos as pesquisas sobre práticas sociais digitais do sociólogo Jesús Martín-Barbero (2000, 2001, 2008). A partir de Martín-Barbero, entendemos a pertinência da técnica e da construção cultural, social e ideológica do segmento juvenil, relacionando-as a novas experiências diante das inovações tecnológicas. Com Edgar Morin (2008, 2011), elaboramos a necessidade de identidade do público jovem e de estabelecer grupos e espaços de expressão.

Levando as relações sociais para o âmbito virtual, o aporte teórico concentra-se nos autores Manuel Castells (2008) e seu entendimento sobre cultura e comunicação; e Pierre Lévy (2000, 2001) e as suas definições de uso social dos meios digitais em rede e da identificação de parâmetros interacionais na web. Trabalhamos ainda a noção de web como um dos pilares da cultura contemporânea, conceito que é partilhado especialmente pelos autores Lev Manovich (2009, 2015), Francisco Rüdiger (2003, 2013) e Erick Felinto (2008, 2011).

1 Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Também é editora assistente na Editora da mesma universidade. Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio, especializou-se em Editoração no Publishing Management: o Negócio do Livro pela Fundação Getúlio Vargas e em Tecnologias do Ensino Superior pela PUC-Rio. E-mail: lifsalles@gmail.com.

Trazer a reflexão sobre o uso de uma tecnologia é se aprimorar na compreensão de uma sociedade, pois entendemos que a técnica funciona como reflexo e mediador da percepção, experiência e subjetividade humana, e não como algo artificial. Martín-Barbero traz luz a esta questão ao rebater, de modo simples, o erro que é confundir artifício com artificial:

(...) muitos adultos e professores pensam as tecnologias como o *artificial*, opondo-o, enquanto tal, a relações sociais, que *seriam naturais*. A pergunta é: quando foram naturais as relações sociais? Claro está que o sujeito humano tem uma natureza, mas ela é tão social e artificial quanto a tecnologia com a qual se veste, se alimenta e sonha. A oposição entre natureza e artifício é tão velha quanto o pesadelo que metaforiza Frankenstein – a máquina/monstro que nós criamos e que se volta contra nós, devorando-nos – e que continua sendo a mais clara versão moderna da visão metafísica do mundo. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 23)

A eterna dualização, criticada por Martín-Barbero, entre técnica e humanidade nas classificações “artificial” e “natural”, respectivamente, é também ressaltada por Pierre Lévy, um entusiasta do uso da tecnologia. Para ele, o fato de sermos estruturados pelas técnicas, pelas linguagens, nos impede de enxergar esse caráter estruturante e, portanto, não natural da tecnologia: “o cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores [escrita e impressão, por exemplo], enquanto as novas [a informática] são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida” (LÉVY, 2001, p. 15).

O aspecto transitório e mutável das técnicas, justamente por ser reflexo das mudanças de uma sociedade, é o grande indício de novas percepções e experiências humanas: “as formas sociais do tempo e do saber que hoje nos parecem ser as mais naturais e incontestáveis baseiam-se, na verdade, sobre o uso de técnicas historicamente datadas, e portanto transitórias” (LÉVY, 2001, p. 87).

Dentro do campo das tecnologias da comunicação, estudar a internet e o seu uso nas interações sociais é entendê-la no seu significado mais intrínseco. Com o crescimento das redes sociais, percebemos que as interações na web são uma parte importante de quase todo engajamento na internet.

Não podemos negar, é claro, que as especificidades do meio digital propiciam novas experiências de subjetivação. Essa transformação tecnológica traz um novo tipo de cultura, afirma Martín-Barbero, uma cultura “experimentada pela juventude contemporânea da revolução eletrônica” e “tendo [essa cultura] começado a emergir apenas nos finais dos anos 1960 [...], instaurando-se uma ruptura sem correspondente na história” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 58).

Essa expressão dos jovens não nasceu com a revolução da internet, mas com o alinhamento da cultura juvenil com a cultura de massa, a partir da década de 1960. Para Edgar Morin (2011), que aproxima as duas classificações, é como se uma se sustentasse na outra. Talvez por isso a juventude tenha se tornado um valor relevante na cultura contemporânea e constantemente estudada, atualizada e alvo do consumo.

A valorização da cultura jovem na cultura de massa pode ser interpretada como um condutor das constantes tendências de mercado e de mídia. Na web, por exemplo, foram os jovens o grupo responsável pela avalanche inicial de *youtubers*. Essa estratégia juvenil, tomando como partida que a figura do jovem na sociedade de massa é socialmente construída, precisava de uma configuração espacial para legitimação e valorização, representada no ambiente virtual.

## A rede de computadores como cultura

Dentre as mais variadas definições de cultura, a mais simbólica, mas não menos elucidativa, é a do sociólogo Edgar Morin. Para o autor, “uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, [e] pontos de apoio práticos à vida imaginária” (MORIN, 2011, p. 5). Com base nesta afirmação, podemos inferir que esses pontos de apoio são criações humanas para lidar com o cotidiano. Invenções que podem ser de ordem prática ou abstrata: desde a invenção da linguagem até à do aparelho telefônico. Com o pressuposto de que qualquer invenção técnica pode ser denominada tecnologia, e acompanhando a definição de Morin, os pontos de apoio, práticos ou imaginários, são criações que marcam e significam a existência humana, ou seja, podemos dizer que a cultura é também tecnologia.

Pierre Lévy (2000) faz uma crítica contundente a quem ignora essa relação entre humanidade e técnicas, entre o mundo das coisas (tecnologia) e o mundo dos seres humanos (da linguagem, dos valores, dos símbolos, da cultura, da vida). Para ele, é impossível separar o humano do seu ambiente material, “assim como dos signos e das imagens”. Da mesma forma, não podemos separar o *mundo material* das *ideias* que dão origem aos objetos técnicos. Não podemos deixar de levar em consideração a cultura que inventa, produz e utiliza um aparato tecnológico (LÉVY, 2000, p. 22).

É importante entender a tecnologia não apenas como invenção técnica e uso de máquinas. De um modo mais amplo, tecnologia são artefatos e artifícios usados pelo homem para a mediação com o mundo, de ordem prática ou simbólica. Manuel Castells atesta que, pelo fato de a cultura ser mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, “nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (CASTELLS, 2008, p. 414).

A noção de que tecnologia é cultura, apesar de parecer fato consolidado, merece ser retomada e discutida, principalmente a cada surgimento de novas técnicas. A partir da década de 1960, a sociedade entrou em um novo ciclo de desenvolvimento tecnológico, com ênfase no desenvolvimento da informática, um movimento “baseado na expansão dos maquinismos informáticos de processamento de dados e desenvolvimento de redes de comunicação” (RÜDIGER, 2013, p. 8). Desse novo cenário, teria surgido a necessidade de um novo campo do saber para aprender a lidar com todas as transformações que vieram e estavam por vir, que foi denominada de “cibercultura”.

Pierre Lévy dedica uma obra inteira a explicar o seu entendimento sobre cibercultura. Uma das definições é de que a cibercultura

É a expressão da *aspiração* de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos de colaboração. (LÉVY, 2000, p. 133, grifo nosso)

Descontada a visão um pouco romântica de Lévy sobre a cibercultura, identificamos no trecho acima que a expectativa em torno do uso social e “fraterno” da web é realmente mais uma aspiração do que uma realidade. Concretamente, percebemos uma busca por compar-

tilhamento tanto de informações quanto de relações sociais; é verdade, mas não podemos nos abster do fato de que as relações de poder, territoriais e institucionais, influenciam a web. Manuel Castells, de forma mais categórica, chega a afirmar que a comunicação mediada por computadores “não substitui outros meios de comunicação nem cria novas redes, mas reforça os padrões sociais existentes” (CASTELLS, 2008, p. 449).

Apesar da defesa de Lévy (2000) da noção de cibercultura e seu subproduto, o ciberespaço, que seria o espaço virtual onde acontece a comunicação, a discussão é exatamente se devemos considerar ainda a cultura contemporânea como uma cultura derivada ou dependente do ciberespaço. Para essa visão mais realista da cibercultura, o pesquisador russo Lev Manovich afirma que falar em cibercultura é “negar a realidade”, pois não se pode fazer mais uma separação radical entre “online e off-line”, entre um ciberespaço e a realidade. Segundo o autor, o termo “cibercultura” estaria em “desuso” hoje, pois a nossa cultura é permeada de tal maneira pelo *ciber* que já se tornou a própria cultura:

[hoje] a web é uma realidade para milhões, e a dose diária de “ciberespaço” é tão grande na vida de uma pessoa que o termo não faz mais muito sentido. [...] O “virtual” agora é doméstico. Controlado por grandes marcas, tornou-se inofensivo. Nossas vidas online e off-line são hoje a mesma coisa. (MANOVICH, 2009)

Erick Felinto (2011) corrobora esta ideia ao propor, no lugar de cibercultura, o uso da expressão “estudos de mídia”, uma vez que o sentido de distinção a valores anteriores não existe mais na sociedade atual. Felinto aponta já um declínio da popularidade do termo na literatura especializada: “estamos enfrentando, após apenas pouco mais de 30 anos de seu nascimento, uma prematura morte da cibercultura?” faz a pertinente pergunta. A hipótese de Felinto é de que o termo “cibercultura” marcou, em momento da história cultural-tecnológica do Ocidente, “um período fortemente dominado pelo tema da ‘automação’”. Hoje, a questão central das novas mídias “não é a transferência do labor humano para as máquinas, mas sim a expansão do potencial criativo do homem através das tecnologias de informação e comunicação” (FELINTO, 2011, p. 3).

A partir da década de 1990, com a popularização da internet, principalmente como meio de comunicação cotidiana, as definições de cibercultura ganharam contornos mais abrangentes. O termo “cibercultura” foi, e é, importante para marcar uma distinção com as transformações anteriores, tais como foram com as denominações de “cultura do impresso” ou “cultura letrada”. Mas isso pode deixar em segundo plano um aspecto importante da experiência social, que é pensar como a sociedade atual criou um espaço com características cibernéticas. Em que medida na cibercultura está o peso da *cultura* e o peso do *ciber*. E seria possível medir?

A cibercultura, muito mais do que reflexo de novas técnicas, precisa ser entendida como uma continuação do desejo humano de controle do tempo e do espaço, por meio do processo de comunicação (cf. CAREY, 2009). Em todas as criações tecnológicas comunicacionais, as constantes barreiras a serem rompidas são referentes ao espaço-tempo, que tem sido a base das tecnologias da comunicação, desde o alfabeto aos smartphones, que hoje ganha contornos mais radicais, com mudanças aceleradas, devido à velocidade de transposição dessas barreiras. A cibercultura deixou de ser apenas uma nova forma da cultura; ela é a própria cultura.

De forma mais objetiva, a cibercultura seria “a formação histórica, ao mesmo tempo *prática e simbólica*, de cunho *cotidiano*, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação” (RÜDIGER, 2013, p. 11, grifos nossos). A definição de Rüdiger se aproxima da noção de cultura de Edgar Morin, mencionada anteriormente. Talvez a intenção de Rüdiger seja explicitar essa relação entre cultura e tecnologia, dominada hoje pela informática.

## Práticas de identificação: a experiência digital e a dimensão juvenil

Associar o jovem à tecnologia, especialmente à internet, é um pensamento quase naturalizado. Contudo, jovem e tecnologia não são inerentes; ao menos não de forma exclusiva. A fim de desmitificar ou ao menos dar complexidade a esta relação, retomamos rapidamente ao ponto em que houve esta articulação mais evidente: na cultura de massa, alavancada pelo consumo juvenil no pós-guerra.

O tempo fora do domínio adulto, o “tempo juvenil”, foi ocupado pelo entretenimento mercadológico da indústria cultural. Transformado em tempo de lazer, a cultura de massa ofereceu ao espírito juvenil o consumo como forma de entretenimento. O sociólogo espanhol Manuel Castells exemplifica, antes do predomínio da internet nas relações sociais, como podemos rastrear o surgimento de novas experiências sociais pelo uso de um artefato tecnológico: “os aparelhos tipo *walkman* transformaram a seleção pessoal de música em um ambiente de áudio portátil, dando oportunidade às pessoas, em particular aos adolescentes, de construir suas paredes de som contra o mundo exterior” (CASTELLS, 2008, p. 422).

Contudo, nas últimas décadas, uma outra revolução estaria por vir: a revolução digital. O surgimento da internet comercial nas décadas de 1980-90, como qualquer tecnologia, foi um indício de novas sensibilidades humanas, mas nem por isso deixou de modificar essas relações:

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias – desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes *avenidas da Internet* – com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante. Trata-se de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54, grifos do autor)

A diferença agora ocorre na percepção de velocidade dessas transformações tecnológicas que, se antes, demoravam décadas para serem incorporadas e percebidas, hoje a relação com o ciberespaço, e a sua intensa aceleração do espaço-tempo, diminuiu consideravelmente a distância entre uma geração e outra. A necessidade do mercado em classificar, por exemplo, as gerações em X, Y ou Z, com curtos intervalos entre uma e outra, é uma tentativa de dar conta desta aceleração do tempo, e oferecer produtos e serviços a cada um desses segmentos, e que encontra na tecnologia virtual um campo de atuação. É notável que a aceleração deste processo de mudança nas percepções humanas, como de tempo e do espaço, foi intensificada pelo uso comercial da internet a partir de 1995 (cf. HUYSEN, 2014, p. 16).

De acordo com Pierre Lévy, nos primeiros anos de internet, podemos observar a emergência de um ciberespaço como fruto de um “verdadeiro *movimento social*, com seu *grupo líder* (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, Inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes” (LÉVY, 2000, p. 125, grifos nossos).

Uma especificidade da formação dos *grupos* é se forjarem por oposição ou sintonia, como redes de identificação que constituem e orientam as relações do coletivo. A questão de o social ser a base para a formação de identidade ocorre, principalmente, porque os grupos são uma proteção das identidades. De acordo com Martín-Barbero, a identidade do homem moderno é abalada pela falta de fixidez das instituições tradicionais e como isso está na base da formação do sujeito:

O sujeito jovem, que vive em nossas cidades, lares e escolas, se encontra há anos-luz da estabilidade postulada pelo sujeito cartesiano. A identidade do sujeito que habita nosso mundo ocidental é a de um indivíduo que sofre de uma constante instabilidade identitária e uma fragmentação da subjetividade cada dia maior. Até pessoas “pouco pós-moderna”, como Habermas, aceita que, em nossas sociedades, onde já não há uma instância central de regulação e autoexpressão – como foram a Igreja e o Estado –, as identidades individuais, tanto quanto coletivas, se fazem submetidas à oscilação do fluxo de referentes e interpretações, ajustando-se a uma imagem de rede frágil, sem centro e em contínua mobilidade. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21)

Uma leitura do sociólogo Stuart Hall (2011) é de que as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Para o autor, antes do processo de modernização, havia a crença de que essas estruturas eram estabelecidas pela divindade, não sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. “O status, a classificação e a posição de uma pessoa na ‘grande cadeia do ser’ – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano” (HALL, 2011, p. 25).

A fragmentação do ser humano moderno parece haver provocado uma reação deste próprio ser humano, fazendo-o buscar na diversidade urbana uma volta à marca de pertencimento ao mundo. Uma vez que os variados estímulos de uma cidade são oferecidos ao ser humano, há uma tentativa de encontrar nesse emaranhado de possibilidades uma experiência mais autêntica de coletividade.

Para Martín-Barbero (2008), a instabilidade identitária e a fragmentação da subjetividade, característicos dos novos tempos, resultam em “um movimento de jovens que transitam entre o repúdio à sociedade e o refúgio na fusão tribal” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21-22). Em “Quem precisa de identidade?”, Stuart Hall enfatiza o conceito de *identificação* ao de *identidade*. Segundo Hall (2000), o conceito de identificação contrapõe a noção de que identificação é um reconhecimento de características comuns, alinhadas a um grupo. Para o sociólogo, o movimento de identificação é um processo articulado, ou seja, atuante. Martín-Barbeiro (2008) também vê um caráter mais maleável no processo social, com reflexo nos grupos juvenis.

As redes digitais favorecem a atuação de grupos ou de nichos. A noção de “universal sem totalidade” para a web, de Pierre Lévy (2000), nos ajuda a especificar essa característica de nicho, relevante das redes sociais digitais. O conceito de “universal” é a tentativa de fazer com que a mensagem seja entendida fora de seu contexto original ou fora de seu contexto

“vivo de produção”, nas palavras de Lévy (2000, p. 116). Já o totalizante é a “tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido” (p. 118). Antes da tecnologia digital, nossa cultura era baseada na comunicação “universal totalizante”, ou seja, a mensagem que alcançava um grande público era uma mensagem que buscava um domínio total de sentido e conteúdo.

Como exemplo de meios de comunicação inseridos nessa cultura, temos as mídias de massa tradicionais, como imprensa, rádio, tv e cinema. Ou seja, são instruídas a encontrar um denominador comum entre espectadores, ouvintes e leitores a quem possam se dirigir de forma igual, universal e totalizante. O principal evento cultural surgido no ciberespaço é a desconexão entre universalidade e totalização (na particular definição desses conceitos por Lévy).

Atualizando esse conceito, podemos inferir que a web permitiu essa separação entre um discurso de amplo alcance de um discurso com tendências totalitárias (em seu sentido primeiro), pois na web temos a formação de nichos como característica. O universal no ciberespaço não requer a totalização para ser entendido. O universal não é mais totalizante, pois não totaliza *pelo sentido* (fechamento semântico); o universal agora se dá *pela interação* entre os humanos, pelo amplo alcance de seu poder de comunicação e interação.

As tecnologias digitais funcionam como instrumento e como uma continuação dos processos sociais, especificamente (mas não exclusivamente) aos jovens, ao favorecerem à expansão dos nichos. Mesmo com a (às vezes aparente) diminuição de fronteiras sociais e culturais trazidas pela expansão das comunicações de massa (a aldeia global de McLuhan), os nichos sociais do cotidiano tendem a encontrar na web um forte espaço de atuação e de afirmação.

## Conclusão

Ao nos dedicarmos à compreensão do uso da web na prática comunicacional, entendemos a tecnologia como parte constituinte das relações sociais, entrando no jogo das interações cotidianas. Martín-Barbero afirma que hoje a tecnologia é “uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido – redes e interfaces – de construção da subjetividade” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 20). Mais do que metáfora, a web hoje constitui um prolongamento dessas relações e divisões sociais.

A distinção que comumente é feita entre ambientes sociais tradicionais e digitais talvez se justifique com as novas *possibilidades* de relações que as ferramentas digitais possam nos oferecer. Mas essa *potencialidade* da tecnologia não é suficiente para entendermos esta mídia, pois os espaços digitais são altamente permeados pelas práticas sociais e pela construção de identidades. A web é um espaço-tempo estruturante e estruturado por conexões culturais incorporadas a qualquer tecnologia.

Há uma necessidade de identidade do público jovem, que Edgar Morin (2011) denomina de “cultura juvenil”, e uma necessidade de criar laços, de se distinguir da família e seus valores estabelecidos. A questão do grupo, do vínculo com o outro, é fundamental para a socialização, pois o grupo é o lugar simbólico onde se realiza a repartição da experiência. Isso talvez fique mais nítido quando nos deparamos com os jovens, pois, como afirma Morin, na adolescência, a “personalidade” social ainda não está cristalizada. Martín-Barbero nos propõe a pensar essa expressão juvenil sob o contexto de uma “desordem cultural” a partir da defasagem da escola

em relação “ao modelo social de comunicação introduzido pelos meios audiovisuais e pelas novas tecnologias; e da emergência de novas sensibilidades” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 11).

A web é um lugar propício para os diferentes agrupamentos sociais, dada a sua característica de favorecimento à formação de nichos, o que a torna um expressivo ambiente para analisar as diferentes configurações de relações sociais que podem habitar um mesmo espaço. Percebemos, assim como aconteceu com os espaços físicos, que os ambientes digitais são permeados de códigos, condutas e configurações – estruturas de significados – que revelam a comunicação entres os grupos. Para exercer suas práticas sociais, o jovem molda o seu tempo e espaço “longe” do universo adulto. Um tempo que almeja ser compartilhado, pois a organização coletiva do tempo representa a ruptura do cotidiano familiar, escolar ou profissional. Se antes apenas presencialmente, hoje as redes digitais são o espaço de visibilidade de grupos.

A internet é uma potencializadora das relações do cotidiano e é o ambiente social dessas relações. O ciberespaço, essa comunicação que surge da interconexão de computadores, não é somente um espaço advindo da tecnologia, mas reflexo de um aspecto da sociedade: “o crescimento do resultado de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (LÉVY, 2000). Associar a internet ao jovem só faz sentido, pois a internet cumpre hoje, como qualquer artefato tecnológico, um papel importante na nossa mediação com o mundo. O movimento do ciberespaço é, portanto, o movimento contemporâneo, presente, e não mais o futuro exótico e distante.

## The web as a culture: identity and youth expression in digital networks

### ABSTRACT

*In this essay, the web is seen as a key phenomenon for the analysis of social practices and symbolic systems. More specifically, the initial research proposed is to theoretically articulate the use of digital networks for the construction of identity, in particular, of a juvenile one. To support this work, we adopted research on digital social technique and practices by sociologist Jesús Martín-Barbero. We will also work on the notion of the web as one of the pillars of culture, especially by the authors Manuel Castells, Pierre Lévy, Francisco Rüdiger and Erick Felinto.*

**Keywords:** Web. Culture. Social Practices. Identity. Youth Expression.

### Referências

CAREY, James W; QUIRK, John J. The Mythos of the Electronic Revolution. In: **Communication as Culture: Essays on Media and Society**. Nova York: Routledge, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FELINTO, E. Think different: estilos de vida e a cibercultura como expressão cultural. Dossiê ABCiber. **Revista Famecos**, n. 37. Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. **Revista E-Compós**, vol. 14, n.1, 2011. Disponível em [www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/548/511](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/548/511). Acesso em 4 out. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTIN BARBERO, Jesus. Desafios culturais. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 181: 51 a 61, maio/ago. 2000.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. A mudança na percepção da juventude: socialidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MANOVICH, Lev. Cibercultura? **Jornal Estadão**, 21 de agosto de 2009. Disponível em <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,para-lev-manovich-falar-em-cibercultura-e-negar-a-realidade,10000046608>. Acesso em 4 out. 2016.

\_\_\_\_\_. O banco de dados. **Revista Eco Pós**. Arte, Tecnologia e Mediação. Volume 18, n.1. 2015.

MORIN, E. 1968-2008: o mundo que eu vi e vivi. **Conferência no ciclo Fronteiras do Pensamento**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: [www.fronteiras.com/noticias/artigo-edgar-morin-1968-2008-o-mundo-que-eu-vi-e-vivi](http://www.fronteiras.com/noticias/artigo-edgar-morin-1968-2008-o-mundo-que-eu-vi-e-vivi). Acesso em 23 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas do século XX**, vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **Confronto com o pensamento da cibercultura: utopia, catastrofismo e teoria crítica na interpretação da cultura tecnológica contemporânea**. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 set. de 2003. Disponível em [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP08\\_rudiger.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_rudiger.pdf). Acesso em 4 dez. 2020.

Submissão: 24/11/2021

Aceite:13/11/2022